

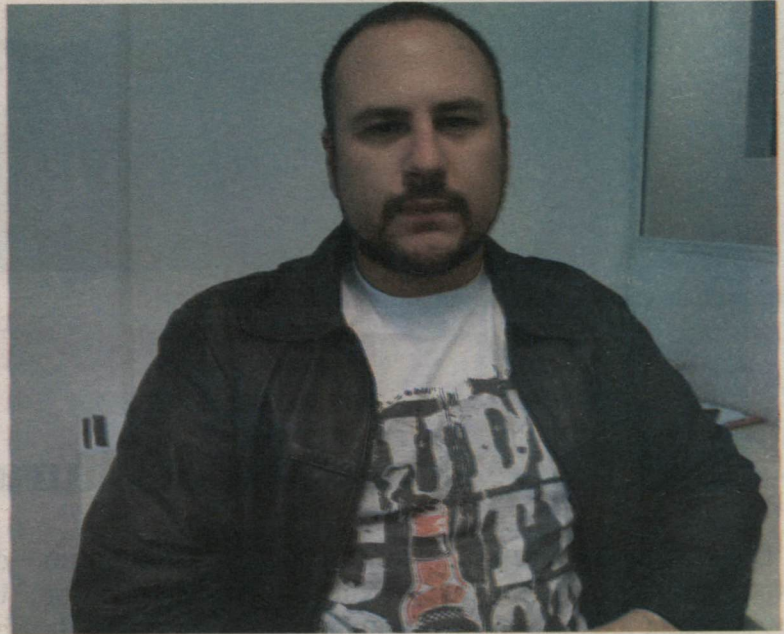
Veículo... GAZETA DE CHAPECÓ Data de publicação... 22/08/12
 Editoria... POLÍTICA Página(s)... 05
 Positiva Neutra Negativa

Sociólogo avalia atual momento de Chapecó

Lisiane Kerbes/GC

O professor do curso de Sociologia da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), Leonardo Santos Leitão, avalia o momento da cidade e o clima de insegurança manifestado por muitos moradores. Para ele, quando se fala em segurança pública se tende a relacionar o papel da polícia. “A polícia é uma das principais instituições para manter a ordem, que vem antes da segurança”, diz. “A gente confunde que o papel da polícia é garantir a vida, mas o papel da polícia é garantir a ordem, a garantia da vida é consequência disso”, acrescenta.

Leitão comenta que 80% dos presos no Brasil estão nas penitenciárias por crime contra o patrimônio, como furtos e roubos. “Quando se rouba um celular, a ordem é



Leonardo Santos Leitão diz que é difícil não relacionar o crime contra outros casos que já aconteceram na cidade

quebrada. A instituição responsável por impedir que isso aconteça é a polícia”, explica. Segundo ele, o sentimento de insegurança está relacionada ao sentimento de impunidade. “Quando alguém mata e nada acontece com o autor do crime, surge o sentimento de insegurança, que está relacionado ao de impunidade”, contextualiza o professor.

Nesse sentido, ele frisa que tem crimes que tem mais impacto que outros, como é o caso da tentativa de homicídio de Patrick Monteiro. “São crimes que causam comoção”, observa. “No caso de Chapecó tem outros elementos, além da comoção que um crime desses provoca, a cidade vivenciou outros casos nos últi-

mos 50 anos e não existe consenso sobre a relação entre eles”, diz Leitão, lembrando que o caso mais recente foi a morte do vereador e professor Marcelino Chiarello. “É difícil isolar esse caso do Patrick de outros casos de mortes que ocorreram e que não foram esclarecidas”, acrescenta o professor.

No caso do crime contra Patrick, Leitão acredita que não foi por falta de policiamento ostensivo. “Não é possível ter uma viatura na frente de casa residência, cada estabelecimento. As pessoas se cuidam ao sair na rua à noite, por exemplo, mas ninguém sai de casa para trabalhar achando que vai ser esfaqueada”, expõe.